

DELEUZE E SHAKESPEARE: UM ENCONTRO ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA FRENTE O TRÁGICO NA IMIGRAÇÃO

DELEUZE AND SHAKESPEARE: AN ENCOUNTER BETWEEN PHILOSOPHY AND LITERATURE IN THE FACE OF TRAGEDY IN IMMIGRATION

Daniel Viana de Carvalho

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Emilly Silva Rodrigues

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Izac Muniz Matos Júnior

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Flavio Luiz de Castro Freitas

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v4i1.179>

RESUMO: O presente artigo busca analisar e compreender o fenômeno da imigração e os desdobramentos causados na figura do imigrante e na sociedade que o recebe por meio do conceito deleuziano de tragédia. Para isso o trabalho será elaborado a partir da compreensão do imigrante como um nômade deleuziano, isto é, como alguém que produz um fluxo desterritorializante constante, no qual sofre as ações das forças ativas e reativas da sociedade. Para isso, além da combinação de autores como Deleuze, Milovic e Shakespeare potencializam a discussão acerca da tragédia nos dois sentidos abordados no trabalho, que seria a tragédia no sentido clássico (como uma perpetuação da imutabilidade) e a tragédia como afirmação (que abraça a diferença apesar da supressão imposta). Dessa maneira, o trabalho busca realizar este levantamento, a fim de expor e compreender a potência do imigrante e como a sua mera presença é capaz de mobilizar diferentes forças ao seu redor, além de demonstrar como a imagem do imigrante é dotada de diferentes sentidos no decorrer da história. O presente trabalho é fruto de pesquisas bibliográficas.

PALAVRAS-CHAVE: Gilles Deleuze; Miroslav Milovic; William Shakespeare;



imigração; tragédia.

ABSTRACT: This article seeks to analyze and understand the phenomenon of immigration and its consequences for the immigrant and the society that receives them, through the Deleuzian concept of tragedy. To this end, the work will be developed from the understanding of the immigrant as a Deleuzian nomad, that is, as someone who produces a constant deterritorializing flow, in which they suffer the actions of the active and reactive forces of society. In addition to combining authors such as Deleuze, Milovic, and Shakespeare, the discussion about tragedy in the two senses addressed in the work is enhanced: tragedy in the classical sense (as a perpetuation of immutability) and tragedy as affirmation (which embraces difference despite imposed suppression). In this way, the work seeks to carry out this survey in order to expose and understand the power of the immigrant and how their mere presence is capable of mobilizing different forces around them, as well as demonstrating how the image of the immigrant is endowed with different meanings throughout history. This work is the result of bibliographic research.

KEYWORDS: Gilles Deleuze; Miroslav Milovic; William Shakespeare; immigration; tragedy.

Introdução

A mobilidade humana, conforme Granada *et al* (2017), desde a antiguidade sempre foi um fator delimitado pelo espaço geográfico, um fator limitante que formou e organizou culturas ao redor dos territórios, contudo, com a modernização, essas barreiras espaciais foram encurtadas e o intercâmbio entre povos se tornou algo extremamente comum, o que trouxe novas dinâmicas sociais e a famosa globalização. Entretanto, um destes fenômenos da mobilidade humana em sua grande parte fora e é deveras emblemático - a imigração. Tal fenômeno se caracteriza por uma ambiguidade ímpar, não no sentido do ato em si de chegar de um lugar a outro, porém, pela figura do imigrante, que produz as mais diversas ideias às pessoas de um país que a recebe. (Deleuze e Guattari, 2011)

A partir disso, as obras deleuzianas são perpassadas por diversos termos oriundos da geografia, que coadunam uma série de sentidos que ora se encontram com o sentido postulado na geografia, ora se distanciam para dar voz a uma filosofia potente, dentre estes conceitos estão: território, territorialização, desterritorialização, cartografia e nômade.

Estes não se limitam a uma conceituação estrita e direta, mas possuem os seus desdobramentos. Essa elaboração inicial acerca dos conceitos deleuzianos se dão devido a questão contemporânea dos imigrantes, na qual é possível entender a figura desse imigrante como um nômade em seu fluxo desterritorializante, isto é, como alguém que está produzindo novos territórios a cada movimento no contato com o diferente, seja pela língua, pela cultura ou pelas novas formas de existir. (Deleuze e Guattari, 2011; Deleuze e Guattari 2012)

Ao mesmo tempo que este fluxo é transformador, ele também desencadeia forças reativas a sua simples presença, a mudança e o diferente se tornam notadamente incômodos pela presença física manifestada na figura do imigrante. Shakespeare e a literatura serão essa força motriz para imaginar os novos mundos possíveis diante do olhar ao diferente, que desencadeará as imagens e enunciados presentes na problemática atual com os imigrantes. Por meio dessa direção, também será possível pensar com Milovic (2004), sobre a *Sociedade da Diferença*, tendo em vista a problemática das pautas identitárias do nacionalismo, que exercem uma violência ao imigrante ao forçá-los ao se adequarem a uma norma.

Nesse ponto está a tragédia de um ponto de vista negativo para Deleuze e Guattari (2011), que seria justamente a tentativa do Estado de “domesticar”, de impor limites e formas (traduzidas na lei), ou seja, cessar a multiplicidade oriunda do excesso contida na figura do imigrante. Contudo, a verdadeira tragédia se dá em um sentido muito mais nietzschiano, conforme Deleuze (2018), de dizer “sim” à existência diante do caos, seria abraçar e viver a diferença apesar das circunstâncias provocadas pelo Estado.

Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo analisar o fenômeno da imigração e a figura do imigrante por meio do conceito de tragédia, em diferentes prismas teóricos e metodológicos através das obras de Gilles Deleuze, de Miroslav Milovic e do o tensionamento com algumas obras literárias de Shakespeare, que será uma parte fundamental na ilustração e compreensão das formas de subjetivação que os imigrantes sofreram ao longo do tempo, até chegar na contemporaneidade.

A metodologia do trabalho é resultado de uma revisão bibliográfica, que conforme Gil (2017), parte-se de uma análise estrutural e crítica dos textos, os quais serão constituídos por materiais, princípios e procedimentos, que colaboram com a tese pretendida.

Shakespeare a potência do diferente

No livro *Calibã e a Bruxa*, a historiadora Silvia Federici (2004) discute como a transição do feudalismo para o capitalismo foi profundamente marcada por uma lógica violenta e patriarcal. Segundo a autora, o trabalho doméstico permanece historicamente invisibilizado, já que não é remunerado e, portanto, não é reconhecido como parte da produção econômica. A própria noção de mercadoria também pode ser observada na forma como os povos indígenas foram tratados pelos colonizadores, sendo incorporados como elementos fundamentais na estrutura do capitalismo nascente. Como resultado da consolidação do capitalismo moderno, o racismo passa a desempenhar um papel central na justificativa da escravidão, estabelecendo uma hierarquia entre os seres humanos que se torna essencial para a manutenção do sistema econômico. Nesse contexto, as mulheres negras foram ainda mais exploradas, sendo vistas simultaneamente como força de trabalho produtiva e reprodutiva.

Outras consequências desse processo podem ser observadas no deslocamento forçado e na precarização das condições de vida daqueles que se encontram fora de seus territórios de origem. Já com os cercamentos, muitos camponeses foram expulsos de suas terras, perdendo seus meios de subsistência e tornando-se, assim, profundamente vulneráveis. Como nota a estudiosa, fenômenos como esse, os quais estão associados à origem do capitalismo, são perceptíveis na contemporaneidade:

A segunda motivação deste livro foi, com a nova expansão das relações capitalistas, o retorno em escala mundial de um conjunto de fenômenos que normalmente vinham associados à gênese do capitalismo. Entre eles se encontra uma nova série de cercamentos que expropriou milhões de produtores agrários de suas terras, além da pauperização massiva e da criminalização dos trabalhadores por meio de políticas de encarceramento que nos remetem ao “Grande Confinamento” descrito por Michel Foucault em seu estudo sobre a história da loucura. Também fomos testemunhas do desenvolvimento mundial de novos movimentos de diáspora acompanhados pela perseguição dos trabalhadores migrantes (Federici, 2017, p. 13).

Os sujeitos deslocados passaram a ser vistos com desconfiança e desprezo pelas classes dominantes. No entanto, esse movimento não é acidental, mas estrutural ao próprio sistema capitalista, que depende da existência de uma massa de trabalhadores disponíveis e, portanto, deslocáveis. A mobilidade forçada, nesse sentido, torna-se uma condição necessária para a expansão das relações de trabalho. O título do supracitado

estudo de Federici (2017) faz referência direta à peça *A tempestade*, de William Shakespeare, já que a autora interpreta a relação entre Próspero e Calibã, protagonistas dessa obra, como uma alegoria da colonização, evidenciando as dinâmicas de dominação, exploração e resistência presentes na formação do mundo moderno.

Conforme discutem Michel Foucault e Gilles Deleuze (1979), em diálogo acerca da contemporaneidade que lhes era própria, “todas as formas de repressão, embora múltiplas, tendem a se totalizar do ponto de vista do poder: a repressão racista contra os migrantes, a repressão nas fábricas e a repressão no ensino contra os jovens em geral” (Deleuze, apud Foucault, 1979, p. 74). Nessa perspectiva, ambos compreendem que instituições como fábricas, prisões e escolas operam como dispositivos de exploração e controle que incidem sobre estudantes, trabalhadores, entre outros sujeitos. É nesse contexto que a peça tardia *A tempestade*, de William Shakespeare, pode ser lida como uma potente alegoria das práticas de dominação e exploração, uma vez que Próspero, antigo duque de Milão, vale-se dos serviços do nativo Calibã para conhecer a ilha e explorá-la. Após realizar seus intentos, submete o filho da bruxa Sicorax à condição de escravizado.

Os estudos desenvolvidos a partir do século XVIII sobre *A tempestade* têm sustentado a leitura crítica de que o dramaturgo refletiu sobre o contexto histórico de seu tempo ao representar, em Próspero, a figura do homem europeu e, em Calibã, a condição de submissão imposta aos povos nativos das terras colonizadas. Cabe assinalar que “Caliban é o anagrama de ‘canibal’, que, por sua vez, é uma corruptela de caribe ou *karib*, a etnia que deu nome à região do Caribe” (Monteiro, 2017, p. 46), providenciando fortes indícios da leitura shakespeariana da obra *Dos Canibais*, de Michel de Montaigne. Em “The Tempest and the New World”, Charles Frey (1979, p. 29-30) reúne indícios, já debatidos no campo dos estudos shakespearianos, que sugerem que Shakespeare estava ciente das viagens ao Novo Mundo e as mobilizou como pano de fundo para a peça:

Shakespeare sets the action of *The Tempest* on an island in the Mediterranean, an island somewhere between Naples and Tunis. Yet there appear to be, at the very least, several glances in the play toward the New World. Ariel speaks of fetching magic dew from the “still-vex’d Bermoothes” (I.ii.229). Caliban says that Prospero’s Art is powerful enough to control the god worshiped by Caliban’s mother and, apparently, by Caliban, a god named “Setebos” (I.ii.375; V.i.261), who was in fact worshiped by South American natives. Trinculo mentions

the English willingness to pay a fee “to see a dead Indian” (II.ii.33). And Miranda exclaims upon seeing the courtiers resplendent in their finery: “O brave new world / That has such people in ’t!” (V.i.182–83).

In the eighteenth century, scholars traced Shakespeare’s use of Setebos to Richard Eden’s sixteenth-century accounts of Magellan’s experience with Patagonian natives who “cried upon their great devil Setebos to help them.” In 1808, Edmond Malone argued that Shakespeare derived the title and some of the play’s incidents from accounts of a storm and shipwreck experienced by Sir Thomas Gates and other Jamestown colonists on the Bermuda islands in 1609. Ever since these discoveries—or, more precisely, allegations of source and influence—Shakespeareans have been asking: “What has *The Tempest* to do, if anything, with the New World?” (Frey, 1979, p. 29).¹

Segundo Frey (1979, p. 34), muitos estudiosos rejeitaram a interpretação de *The Tempest* como uma crítica ao colonialismo. Contudo, as referências a relatos de viagem integram o horizonte cultural renascentista do qual o dramaturgo fazia parte. A própria consolidação do interesse pela obra shakespeariana foi um processo intensificado sobretudo após a publicação póstuma do *First Folio*, em 1623. Esse enfoque inicial não ganhou maiores proporções, conforme observa Marlene Soares dos Santos (2020, p. 189-193), em razão do encerramento das atividades teatrais na Inglaterra, em 1642, por determinação do Parlamento Puritano. Segundo a estudiosa, é apenas a partir do século XVIII, com as comemorações do *Shakespeare Jubilee*, em 1769, sob a organização de David Garrick, em Stratford-upon-Avon, que Shakespeare se consolida como poeta nacional e, posteriormente, como poeta global, no interior de uma nova dinâmica de

1 Shakespeare situa a ação de *A Tempestade* em uma ilha no Mediterrâneo, uma ilha situada em algum ponto entre Nápoles e Túnis. No entanto, parece haver, no mínimo, alguns olhares lançados na peça em direção ao Novo Mundo. Ariel menciona buscar o orvalho mágico das “still-vex’d Bermoothes” (I.ii.229). Caliban afirma que a Arte de Próspero é poderosa o bastante para controlar o deus venerado por sua mãe e, ao que tudo indica, por ele próprio — um deus chamado “Setebos” (I.ii.375; V.i.261), que, de fato, era cultuado por nativos da América do Sul. Trínculo menciona a disposição dos ingleses de pagar para “ver um índio morto” (II.ii.33). E Miranda exclama, ao ver os cortesãos resplandecentes em seus trajes: “Ó admirável mundo novo / Que abriga tais criaturas!” (V.i.182–83). No século XVIII, estudiosos rastream o uso que Shakespeare faz de Setebos até os relatos seiscentistas de Richard Eden sobre a experiência de Magalhães com nativos da Patagônia, que “clamavam para que seu grande demônio Setebos os ajudasse”. Em 1808, Edmond Malone argumentou que Shakespeare derivou o título e alguns episódios da peça dos relatos sobre uma tempestade e um naufrágio vividos por Sir Thomas Gates e outros colonos de Jamestown nas ilhas Bermudas, em 1609. Desde essas descobertas — ou, mais precisamente, alegações de fontes e influências — estudiosos de Shakespeare vêm perguntando: “O que *A Tempestade* tem a ver, afinal, com o Novo Mundo?” (Frey, 1979, p. 29, tradução nossa).

exportação cultural inglesa, favorecida pelo modelo comercial da dinastia Hanôver.

Junto da crescente internacionalização da obra shakespeariana, emerge também um modelo literário capaz de repercutir para além do contexto inglês: trata-se de um conjunto de leituras e apropriações que atravessaria o Leste Europeu, no final do século XVIII, contribuindo para o surgimento do Romantismo alemão², assim como, posteriormente, cruzaria o Atlântico em meados do século XIX³. Conforme destaca Mayer (2024, p. 23-24), a materialidade do livro, os paratextos e as intervenções ativas dos leitores também se revelam fatores decisivos na consolidação de Shakespeare enquanto capital cultural. Como resultado desse percurso de circulação e reapropriação da obra shakespeariana, o qual se intensificou ao longo do tempo, Jan Kott (2003) produz o audacioso trabalho intitulado *Shakespeare nosso contemporâneo*, publicado em 1961, propondo que o autor de *Hamlet* pode ser trazido a lume para uma reflexão crítica acerca dos acontecimentos políticos e sociais do século XX, como a ascensão do totalitarismo.

Para Kott (2003, p. 27), em peças como *Rei João*, *Ricardo II*, *Henrique IV*, *Henrique V*, *Henrique VI* e *Ricardo III*, Shakespeare constrói uma dinâmica recorrente composta pela conspiração contra um monarca, sua posterior deposição e morte, para então surgir o início de um novo governo destinado a reproduzir o mesmo esquema, como se nota a partir da seguinte passagem:

Em todas as crônicas, o soberano legítimo arrasta atrás de si uma longa cadeia de crimes; ele afastou-se dos senhores feudais que o haviam ajudado a conquistar a coroa, massacrou primeiro os inimigos e depois os ex-aliados, fez perecer os herdeiros e os pretendentes ao trono. Mas não conseguiu exterminá-los todos. Um jovem príncipe retorna do exílio: filho, neto ou irmão das vítimas, ele defende o direito violado; em torno dele agrupam-se os poderosos, rechaçados pelo rei; ele personifica a esperança numa ordem nova e defende a justiça. Mas cada passo em direção ao poder continua a ser marcado pelo assassinato, pela violência e pelo perjúrio. Assim, quando já está muito perto do

2 Em *Shakespeare: o gênio original*, Pedro Sússekind (2008) afirma que, entre os séculos XVII e XVIII, desenvolveu-se na Alemanha um forte movimento crítico que passou a valorizar o teatro shakespeariano em detrimento do modelo francês, reconhecendo no dramaturgo inglês um referencial estético e cultural para a construção de um teatro nacional alemão.

3 Adriana da Costa Teles (2017) sustenta que, nesse período, a circulação das peças de Shakespeare no Brasil ocorre, sobretudo no Rio de Janeiro, por meio das encenações promovidas por João Caetano e, posteriormente, pelas companhias italianas lideradas por Ernesto Rossi e Tommaso Salvini.

trono, o novo príncipe arrasta atrás de si uma cadeia de crimes tão extensa como ainda há pouco a do soberano legítimo. Quando puser a coroa, será tão odiado quanto o outro. Ele matava seus inimigos, agora irá matar seus ex-aliados. E um novo pretendente ao trono fará sua aparição, em nome da justiça violada. O ciclo completou-se. Um novo capítulo começa. Uma nova tragédia histórica (Kott, 2003, p. 28).

Essa formulação acerca das encenações históricas escritas por Shakespeare corresponde ao que Kott (2003) denomina Grande Mecanismo, entendido como um processo violento e cíclico no qual a história se encontra submersa. Observa-se, ademais, em trabalhos contemporâneos sobre o teatro shakespeariano, uma articulação recorrente entre questões sociais e políticas do século XX. O volume *Shakespeare and Latinidad*, por sua vez, reúne estudos dedicados a artistas latinos nos Estados Unidos que reapropriam, traduzem e reconfiguram criticamente as peças do dramaturgo, mobilizando-as em diálogo com questões como colonialismo, racismo, linguagem e pertencimento cultural. No capítulo “The Power of Borderlands Shakespeare: Seres Jaime Magaña’s *The Tragic Corrido of Romeo and Lupe*”, Katherine Gillen e Adriana M. Santos (2021, p. 60) formulam o conceito de *Borderlands Shakespeare* (Shakespeare nas zonas de fronteira), no qual o autor deixa de ser concebido como emblema de uma universalização cosmopolita, frequentemente imposta a comunidades marginalizadas, e passa a ser reinscrito como um artista da e para a fronteira.

As autoras mostram que a apropriação da peça *Romeo and Juliet*, por parte de Magaña⁴, constitui um procedimento de reconfiguração do *leitmotiv* shakespeariano em novos contextos. Ao adaptar a supracitada tragédia para gêneros populares locais, tal qual o *corrido*, musical mexicano que aborda questões sociais⁵, as pesquisadoras tornam patente que as peças de Shakespeare podem ser utilizadas, nos dias hodiernos, como uma forma de engendrar novas narrativas, capazes de dialogar com povos e cenários

4 *The Tragic Corrido* configura-se como uma releitura bilingue, em inglês e espanhol, de *Romeo and Juliet* que reinscreve o drama shakespeariano em um contexto mexicano-americano, incluindo personagens imigrantes em situação irregular. Ao colocar em evidência questões como colonialismo, degradação ambiental e direitos trabalhistas, a obra tensiona criticamente o texto canônico de Shakespeare, indicando que o ideal de reconciliação familiar por ele proposto mostra-se insuficiente para abarcar as complexas dinâmicas coloniais que atravessam a região do Rio Grande Valley, no Texas (Gillen; Santos, 2021, p. 57-58).

5 Conforme Gillen e Santos (2021, p. 58), o *corrido* é um gênero narrativo-musical caracterizado por sua flexibilidade formal (*malleability*), o que lhe permite adaptar-se a diferentes contextos históricos, sociais e culturais. Essa maleabilidade faz com que o gênero seja frequentemente utilizado para tratar de temas ligados à travessia de fronteiras e à imigração, assuntos centrais na experiência mexicana e mexicano-americana, especialmente em regiões fronteiriças.

historicamente distantes daqueles representados nas obras originais. Esse movimento corrobora a afirmação de Kott (2003, p. 27) sobre a continuidade da releitura do teatro shakespeariano, o qual “é semelhante ao mundo ou à vida. Cada época encontra nele o que busca ou o que quer ver”.

As conexões com o drama do escritor inglês mostram-se pertinentes para pensar as literaturas latino-americanas, diante da imposição da cultura europeia sobre os territórios coloniais. Nesse sentido, essas literaturas devem ser analisadas a partir da heterogeneidade cultural que as constitui. Na introdução do volume *La literatura latinoamericana como proceso*, Ana Pizarro (1985, p. 13–67) discute tal questão ao afirmar que qualquer tentativa de definir o que seja literatura latino-americana esbarra na própria noção de América Latina, cuja complexidade se evidencia quando se consideram as especificidades históricas de cada país. Ainda assim, a autora identifica “lazos estructurales de conformación cultural que tienen que ver con formas similares de existencia histórica, de respuesta económica, social y cultural que encuentran su expresión en el discurso literario, a pesar de la distinta metrópoli colonizadora” (Pizarro, 1985, p. 16)⁶.

Essa tensão entre dependência cultural e afirmação de uma produção literária própria também estrutura a reflexão de Silvano Santiago (2000). No estudo “*O entre-lugar do discurso latino-americano*”, que faz parte da obra *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*, o autor trata da literatura latino-americana no sistema ocidental, entendendo-a como um espaço intermediário marcado por conflitos e deslocamentos. Santiago (2000, p. 14) evidencia que o colonialismo operou não apenas pela força, mas pela linguagem. Conforme observa o ensaísta, os primeiros contatos entre europeus e indígenas foram marcados pela ignorância mútua, e não pelo diálogo cultural. Desse modo, a conquista do Novo Mundo resulta menos de uma suposta superioridade cultural do que do uso sistemático da violência e da imposição ideológica. Essa lógica se manifesta no discurso colonial, que recorrentemente desumaniza os povos indígenas ao designá-los como “escravos” ou “animais”, como faz Próspero em *A tempestade*.

Ao analisar a carta de Pero Vaz de Caminha, Santiago (2000, p. 12-13) elucida o viés etnocêntrico que concebeu a imitação gestual indígena como uma inclinação natural à conversão, quando, na verdade, ela consistia

6 “laços estruturais de conformação cultural que se relacionam com formas semelhantes de existência histórica, de resposta econômica, social e cultural, as quais encontram sua expressão no discurso literário, apesar da distinta metrópole colonizadora” (Pizarro, 1985, p. 16, tradução nossa).

em uma prática ritual, vinculada à experiência do êxtase religioso. Desse modo, explicita-se o conflito entre a oralidade indígena e a lógica escritural europeia, na qual a inscrição do nome de Deus opera como imposição de um código simbólico e linguístico que estrutura determinada visão de mundo. Contudo, ao se materializar nos territórios colonizados, essa interferência deixa de ser exclusivamente europeia, passando a constituir-se em tensão com a tríade colonial (um só Deus, um só rei e uma só língua) e implicando a rejeição da noção de pureza.

Se, por um lado, essa ideia é rejeitada, por outro, o autor também contesta a visão crítica segundo a qual a obra de um escritor só pode ser compreendida a partir da mera imitação de outros autores, pois para ele “o artista latino-americano aceita a prisão como forma de comportamento, a transgressão como forma de expressão” (Santiago, 2000, p. 25). Essa perspectiva abre caminho para leituras que interrogam os modos pelos quais os modelos são apropriados e transformados em contextos não hegemônicos. É nesse horizonte teórico que se insere a proposta de João Cezar de Castro Rocha (2017, p. 12) que, em *Culturas shakespearianas: teoria mimética e os desafios da mimesis em circunstâncias não hegemônicas*, nota que *A tempestade*, de William Shakespeare, tornou-se uma obra fundamental para autores sul-americanos no processo de reflexão acerca de suas formações culturais. Tal centralidade decorre, segundo o estudioso, do pacto colonial, responsável por instituir um conjunto de normas que restringiam as ações das colônias e produziam zonas de opacidade em espaços nos quais a palavra do monarca chegava de maneira desigual. Assim, Shakespeare emerge como um autor privilegiado para pensar a literatura, a história e a cultura em contextos atravessados pela desigualdade e pela alteridade.

Ressentimento e tragédia

Ao longo de *Nietzsche e a filosofia* (2018), Deleuze faz um detalhado e rigoroso percurso dentro da obra nietzschiana, buscando afirmá-la até a sua última potência. Dentre outras potências dessa obra, cabe destacar o seu caráter vitalista, onde a vitalidade é constituída em um devir que destrói para vitalizar, que arruína para sobreerguer. Sobre os escombros arruinados do mesmo, da identidade, do círculo do tempo, ergue-se a vida, esse edifício metamorfoseante, claudicante, construído a partir de uma radicalidade da diferença. Sobre o que é a vida, Nietzsche escreve:

E este é o segredo que a vida me contou. ‘Vê’, disse, ‘eu sou aquilo que sempre tem de superar a si mesmo.[...] E quem tem de ser um criador no bem e no mal: em verdade, tem de ser primeiramente um destruidor e despedaçar valores. Assim, o mal supremo é parte do bem supremo: este, porém, é criador. — Falemos disso, ó sábios entre todos, embora seja desagradável. Silenciar é pior; todas as verdades silenciadas tornam-se venenosas. E que se despedace tudo o que, de encontro a nossas verdades, possa — despedaçar-se! Ainda há muitas casas por construir!’ (Nietzsche, 2018, p. 110-111)

Mas, numa perspectiva histórica, tal fluxo vital de virtualização e atualização, de desconstrução e construção encontrou diversos obstáculos (Deleuze, 2018). Niilismo ativo, é o nome etapa que vida insiste em alcançar, afirma Deleuze (2018), mas é na transição entre as duas etapas anteriores, a saber, o niilismo negativo e o niilismo ativo, que a sociedade se encontra. Com efeito, de um ponto de vista nietzschiano, as sociedades “ocidentais” modernas são estruturadas não em uma vitalidade, mas em um adoecimento, e a forma pela qual essa doença se mostra se chama “ressentimento” (Nietzsche, 2018).

Ressentir é transformar aquilo que devia ser uma ação, uma “re-ação”, em um sentimento, um pensamento, então se sente de novo, se “re-sente”. Com efeito, o seu principal sintoma é uma prodigiosa memória (Deleuze, 2018). Mais do que isso, a tipologia do homem ressentido aponta para um personagem impotente em sua própria narrativa, incapaz de reagir sobre o que lhe é feito, apresentado, ofertado, ele só é capaz sentir a sua própria memória *ad eternum*. Ressentimento é a barreira que represa as águas do fluxo do devir. Cria-se um verdadeiro purgatório, a mente circular do neurótico obsessivo, amedrontada de seu desejo, possuída pela culpa. Tal análise psicológica pode ser mais ou menos espelhada nos campos sociológico e cultural. Nesse sentido, pode-se também falar de uma sociedade marcada pela sua incapacidade de elaborar apropriadamente o passado e transformar o seu presente, e que a partir disso, o conserva a sua atual estrutura de poder, uma pirâmide erguida sobre a exploração dos corpos de quem está embaixo (Matos Júnior e Carvalho, 2024).

Parte-se da hipótese que tanto o homem ressentido, quanto a sociedade ressentida que ele compõe sustentam o sua miséria neurótica e o seu esvaziamento neoliberal a partir do ataque a um determinado objeto, pessoa ou grupo étnico, os quais serão o bode-expiatório de toda destrutividade que não pode ser usada na transformação social e/ou na afirmação de um desejo pessoal (Matos Júnior e Carvalho, 2024). Com efeito, o ressentimento é expresso em um espírito de vingança, uma

vontade de vingança (Deleuze, 2018). Acerca do espírito de vingança, Nietzsche comenta:

“Vontade — eis o nome do libertador e mensageiro da alegria. Impotente quanto ao que foi feito — ela é uma irritada espectadora de tudo que passou. A vontade não pode querer para trás; não poder quebrantar o tempo e o apetite do tempo — eis a solitária aflição da vontade. Querer libertar: o que excogita o próprio querer, para livrar-se da sua aflição e zombar de seu próprio cárcere? Ah, todo prisioneiro se torna um bobo! De maneira tola também redime a si mesma a vontade prisioneira. Que o tempo não ande para trás, isto a enraivece; ‘Aquilo que foi’ — eis o nome da pedra que ela não pode mover. E assim ela move pedras, por raiva e desalento, e prática vingança naquele que não sente, como ela, raiva e desalento. Assim a vontade, libertadora, converteu-se em causadora da dor: e em tudo que pode sofrer ela se vinga de não poder voltar para trás. Isto, e apenas isto, é a própria vingança: a aversão da vontade pelo tempo que ‘Foi’. [...] O espírito da vingança: meus amigos, até agora foi essa a melhor reflexão dos homens, e onde havia sofrimento devia sempre haver castigo. (Nietzsche, 2018, p. 134-135)

A vingança contra o objeto escolhido se torna o meio para a inversão da vitalidade em mortandade, do radical da diferença pelo o da identidade, da tragédia pelo ideal. Com efeito, ao longo da história da humanidade muitos foram os objetos escolhidos para assumir essa culpa. Contudo, para o presente trabalho, o enfoque escolhido foi o personagem do imigrante enquanto agente de ativa transformação e objeto de culpabilização reativa.

Nesse sentido, é possível pensar o imigrante como um personagem que fura a bolha identitária e narcísica de uma determinada comunidade, ele é uma molécula de diferença que abre o corpo social para o contato e para a síntese com possíveis outros mundos. O próprio imigrante é essa diferença encarnada em um nomadismo que corta o circuito circular da natalidade identitária em prol de um percurso sinuoso em direção ao sem-fundo. Em oposição ao salmão, animal natal por excelência⁷, que vive apenas para retornar ao seu berço mortuário, aqui existe um possível albatroz que afirma sua vitalidade em seu voo sinuoso pelo mundo. Com efeito, o imigrante pode ser, e muitas vezes é, um símbolo de vitalidade (Stagliano, 2018). Porém, nos discursos das sociedades capitalistas ocidentais o que se tem observado é uma tendência à circunscrição do imigrante em uma figura de ameaça e terror.

7 Lapoujade (2015).

Freud (2019), em seu texto *O Infamiliar*, explora como dentro do sentimento de estranheza existe algo de um reconhecimento, o familiar habita dentro do infamiliar, existe uma partícula do desejo dentro de certas experiências e figuras aterrorizantes: o medo de ser enterrado vivo e o retorno ao ventre materno, o medo de perder os olhos e a entrada no mundo mediado pela Lei. Nesse sentido, pensa-se, de acordo com Deleuze (2018), na hipótese psicológica e tipológica, no sentido nietzschiano do termo, de que o ressentimento discurso capitalista ocidental anti-imigratório tem a ver com o reconhecimento, mesmo que inconsciente, na figura do imigrante, da potência vital e ativa da qual o homem ressentido vê separada de si mesmo. Dessa forma, o nômade imigrante transformador vira o duplo, temido e imaginário, do natal cidadão conservador.

Tal configuração imaginária é sentida no campo do singular e psicológico, mas catalisada e sustentada por discursos do campo sócio-político e coletivo. Segundo Safatle *et al* (2022), o neoliberalismo se sustenta através da gestão do sofrimento psíquico, sendo esse não somente um acidente, uma excreção, de regimes exploratórios de trabalho, mas também um elemento a ser cultivado, catalisado e gerido para uma maior produtividade e submissão por parte do trabalhador. Nesse contexto neoliberal, o sofrimento não é tolerado, mas selecionado, planejado em suas formas de expressão, elaboração e reconhecimento. De maneira análoga, observa-se que a escolha do imigrante enquanto bode-expiatório nada tem de aleatório ou irracional, a hipótese deste trabalho é que se trata de uma escolha discursiva política pautada em um cálculo racional que visa sustentar o sistema socioeconômico vigente através da administração do fluxo das forças⁸ políticas que compõem o corpo social (Safatle *et al*, 2022). Nessa lógica administrativa, as forças ativas sociais são separadas de sua potência vital e transformadora, agora toda destrutividade e agressividade que possuem são redirecionadas para a própria manutenção do sistema adocido através da autofagia das partes que o compõem (Matos Júnior e Carvalho, 2024).

Na sociedade contemporânea, as forças reativas se manifestam com uma maior veemência, partindo do pressuposto de que os imigrantes seriam uma ameaça à identidade nacional, o que produz violência e restrição. Não são poucos os exemplos deste acontecimento, tais como: a onda de prisões feita pelo ICE (Immigration and Customs Enforcement) nos Estados

8 Aqui tratamos o conceito de corpo de forças a partir da perspectiva nietzschiana. Para saber mais, ver “O CORPO, O TEMPO E A COMUNIDADE: UMA PERSPECTIVA DELEUZIANA ACERCA DA COMUNIDADE DA DIFERENÇA” (Matos Júnior e Carvalho, 2024).

Unidos (EUA) (CNN, 2026); o desafio migratório na Europa (G1, 2018); a crise humanitária e o deslocamento na faixa de Gaza causados pela guerra (BBC, 2025). Em todos estes exemplos, o que predomina são forças reativas, nas quais não suportam a presença do diferente, daquele “outro”, “de fora”, que causa medo sobre a estabilidade cultural devido a sua bagagem cultural intrínseca, fora todo o contexto econômico envolvido.

Um dos resultados disso é o aprisionamento do imigrante às margens do corpo social. Com efeito, as sociedades capitalistas ocidentais precisam da mão de obra imigrante para a sobrevivência de sua economia, precisam dos filhos dos imigrantes para a manutenção das suas taxas de natalidade e de seus sistemas previdenciários, precisa da mente dos imigrantes para a inovação científica e para novidade artística. Contudo, depreciam-no, endurecem as suas leis imigratórias, empoderam os seus dispositivos de repressão para caçá-los. Tudo isso para a circunscrição de uma população nas margens da territorialidade social, uma população que seja forte o suficiente para trabalhar, e aterrorizada demais para reclamar. Desenha-se uma prisão discursiva formada pela dialética entre os eixos psico-tipológico (a miséria neurótica, o espírito de vingança, o suplício da vitalidade) e o eixo sociopolítico (o esvaziamento das forças ativas sociais, a gestão do ressentimento, a exploração das populações imigrantes): o imigrante se encontra no meio da constrição de uma Ouroboros capitalista que aperta mais quanto mais devora a si mesma. (Safatle *et al*, 2022)

Deleuze (2013), afirma que a sociedade disciplinar de Foucault já se encontra ultrapassada, visto que a disciplina, os espaços fechados e os seus mecanismos de docilização encontram-se em crise frente à multiplicidade em seus pontos cegos. Segundo Deleuze (2013), se outrora a sociedade exercia poder pela punição e repressão corpo em muros fechados, a sociedade do controle, por outro lado, exerce seu poder pela captura do desejo, ou seja, não se trata mais do encarceramento do corpo, mas de uma “liberdade” institucional que exerce poder dentro do corpo. As instituições agora são inseparáveis e voláteis, o controle exercido se dá na desregulamentação da rígida disciplina, as câmeras de vigilância não mais estão nas ruas, porém, cada um vigia-se a si mesmo pelo próprio celular, os interesses e gostos são direcionados por algoritmos de aplicativos; o que é isso se não uma desterritorialização daquilo que se atuava por territórios? Deleuze ilustra de forma categórica essa afirmação no seguinte trecho:

Ao passo que os diferentes modos de controle, os controlatos, são variações inseparáveis, formando um sistema de geometria variável cuja linguagem é numérica (o que não quer dizer necessariamente

binária). Os confinamentos são moldes, distintas moldagens, mas os controles são uma modulação, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro. (Deleuze, 2013, p. 221)

Pensar a sociedade do controle em termos de imigração é um tema notório que escancara a maneira que um Estado tenta exercer poder no corpo de um estrangeiro ao tentar submetê-lo e enquadrá-lo em categorias dispostas a ele. Contudo, de acordo com Stagliano (2018), o próprio ato da imigração, já é uma maneira de resistir, de ser no mundo, uma forma que escapa não só das imposições de sua própria pátria, mas também causa estranheza ao país de destino, é alguém que não se “enquadra” necessariamente nas formas de controle do Estado, porque sua simples presença já exala a diferença. Neste ponto, segundo Deleuze e Guattari (2012), o espaço estriado, que é o espaço territorializado e homogêneo, se vê ameaçado e confrontado com o percurso do nômade no espaço liso, que é o espaço sem formas, sem leis precedentes e que se distribui rizomaticamente sobre o espaço estriado.

A partir da discussão anterior, cabe pensar na lógica dominante e estabelecida como territórios, isto é, campos de ideias fixas, seja pela sua organização social e leis que prescrevem o comportamento dos cidadãos, sejam pelas fronteiras já bem estabelecidas geograficamente (Deleuze, 2011). Entretanto, não existe território permanente, apesar de duradouro, pois a forma estabelecida não consegue suprimir a potência do devir. O atual se virtualiza para que possa existir um novo atual (Deleuze, 2021).

Ainda de acordo com a temática da imigração e tragédia, a perspectiva deleuziana do território se faz predominante em meio a essa problemática, tendo em vista a especificidade do tema da imigração. Ora, aquele que migra se move daquilo que outrora estava fixo, preestabelecido, consolidado, para um outro lugar (tanto físico, quanto virtual) que o submete a um novo modo ser, isto é, são pessoas, culturas e sociedades diferentes, um novo mundo que não só confronta, mas transforma o seu território, ou seja, desterritorializa por essência. (Stagliano, 2018)

Para além do olhar do imigrante, como alguém frente a novidade e descoberta, vale ressaltar também o olhar de quem pertence ao território recebendo o de “fora”, este sendo o estranho, o desconhecido, que força aquela sociedade a lidar com ele. O choque entre essas duas realidades já é por si só uma desterritorialização, o que pode gerar forças ativas ou reativas. (Deleuze, 2011)

Sendo assim, o outro, segundo Deleuze e Guattari (2012), é visto como uma ameaça iminente às estruturas do Estado, o espaço liso, traçado pelas linhas de fuga desse nômade encontram as intempéries e protuberâncias das fronteiras do espaço estriado. É exatamente por essa direção que a sociedade do controle tenta encarcerar o nômade, ao criar categorias para eles e colocá-los em um campo da igualdade homogênea, que mata a diferença (Milovic, 2004).

A exemplo disso estão algumas expressões trazidas por Delfim (2017) como: “ilegais”, “crise de imigrantes”, “crise de refugiados”, “caos” e “invasão”. Tais expressões não revelam apenas preconceito, elas também demonstram um processo de subjetivação da representação do imigrante, retornando novamente ao que foi discutido no parágrafo anterior acerca da filosofia miloviciana (2004), isto é, a supressão da diferença, a imposição de um igual. Aqui pode ser percebido também o papel da linguagem nessa homogeneização, que traça formas, categorias e termos que possam controlar este fluxo (Stagliano, 2018).

É especificamente nesse ponto que se encontra a tragédia clássica criticada por Deleuze (2018), na imutabilidade do ser, no destino cruel e irreversível do herói, na desgraça destinada ao sujeito; nesse caso, na estatização do imigrante, na homogeneização de seus modos de vida e impedimento de fluxo. Contudo, a tragédia como transformação, segundo Deleuze (2018), está justamente no movimento contrário, está no “sim” a vida apesar das circunstâncias, no acaso randomizado, na possibilidade, no devir. Como no exemplo do nômade, de Deleuze e Guattari (2012), que à medida que trilha o seu caminho produz devires em seus encontros, até mesmo por esta razão, ele é chamado de “máquina de guerra” (Deleuze e Guattari, 2012, p. 25), pois é algo incompatível com as organizações estatais tais quais elas se apresentam, mas que mesmo sendo ameaçados e correndo riscos não deixam de produzir a sua multiplicidade. O apolíneo não comporta o dionisíaco (Deleuze, 2018).

Conclusão

Dessa forma, é possível observar a radicalidade do adoecimento nas sociedades capitalistas ocidentais pautadas pelo ressentimento e a sua expressão nos ataques à figura do imigrante. E como sair disso? Como emancipar as forças ativas? Como restaurar a sua potencialidade transformadora? Para tentar responder essas perguntas dentro dos limites

e da proposta do presente trabalho, é necessário seguir o caminho já observado por Deleuze (1997) em *Crítica e clínica*, o da literatura enquanto um empreendimento de saúde e de contato com o diferente. Sobre isso, Deleuze escreve:

A doença não é processo, mas parada do processo, como no 'caso Nietzsche'. Por isso o escritor, enquanto tal, não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo. O mundo é o conjunto dos sintomas cuja doença se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro (haveria aqui a mesma ambiguidade que no atletismo), mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis. Do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados. [...] A saúde como literatura, como escrita, consiste em inventar um povo que falta. (Deleuze, 1997, p.13-14)

Nessa perspectiva, a tragédia deleuziana (2018) e a ética da diferença miloviciana (2004), encontram o seu ponto em comum, que é justamente a multiplicidade, a diferença não mais enclausurada, todavia, vivenciada. Tal projeto, mesmo que na atual conjuntura social pareça impossível e impraticável, ele não perde a potência oriunda da virtualidade, é algo que extrapola a mera repetição, posto que pensar na realização já é um prenúncio da possibilidade, em caso contrário se este algo já nascesse destinado ao fracasso, esta sim seria a tragédia clássica, uma sociedade imutável. Entretanto, tanto a história já demonstrou as transformações e mudanças sociais, como a própria literatura já descrita anteriormente é a porta de entrada para a criação de novos mundos possíveis. Assim, Deleuze e Milovic atuam juntos como esses médicos da civilização, que revitalizam o prazer de viver na diferença.

O fenômeno da imigração se encontra justamente na consequência desta revitalização social, pois na sociedade da diferença, é possível pensar na diferença como um fenômeno tipicamente humano, que comporte outros modos de vida dentro de um mesmo espaço, um espaço em que os cidadãos olhem para o diferente com hospitalidade

Dessa forma, o presente trabalho elaborou uma extensa análise diante de problemas contemporâneos que envolvem os imigrantes, além de problematizar formas de organizações sociais, que enclausuram, controlam e censuram a diferença. Nesse percurso, primeiramente foi exposta a crítica literária a partir de Shakespeare diante da peça *A Tempestade*, que permite

enxergar os enunciados e imagens da representação colonial dos imigrantes, a qual possibilita e intensifica a produção de mundos possíveis à medida que as imagens literárias são desdobradas. Em seguida foram explorados alguns conceitos deleuzianos e milovicianos, a fim de corroborar com a elaboração precisa do tema, especificamente, o conceito de forças reativas e ativas, na qual a dinâmica das sociedades ocidentais estão inseridas, o que permite pensar no imigrante como um nômade em seu fluxo desterritorializante ao trilhar o espaço estriado, ao mesmo tempo que sofre as represálias desse espaço, pela sua mera existência e ato de imigrar. Por fim, foi elaborado como a potência do ato de pensar é um fator crucial na revitalização do adoecimento do mesmo, que tenta enclausurar o imigrante. O ato de pensar e imaginar é o movimento da intensidade que torna a tragédia deleuziana e a sociedade da diferença miloviciano possível.

Referências

- BBC NEWS BRASIL. O deslocamento 'sem precedentes' da população de Gaza em dois anos de guerra. **BBC News Brasil**, 7 de out. 2026. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cz08zp1y8plo> Acesso em: 20 de abr. 2026
- CNN BRASIL. Imigrante mexicano morre sob custódia da imigração dos EUA, diz ICE. **CNN Brasil**, 30 de mar. 2026. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/imigrante-mexicano-morre-sob-custodia-da-imigracao-dos-eua-diz-ice/> Acesso em: 20 de abr. 2026
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações: 1972-1990**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 3. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- DELEUZE, Gilles. **Sacher-Masoch - o frio e o cruel**. Tradução de Jorge Bastos e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo:

Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELFIN, Rodrigo Borges. É hora de rever os termos que usamos para falar de migrações e refugiados. **MigraMundo**, 10 de abr. 2017. Disponível em: <https://migramundo.com/e-hora-de-rever-os-termos-que-usamos-para-falar-de-migracoes-e-refugiados> Acesso em: 20 de abr. 2026

FEDERICI, Silvia. **Calibá e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução do coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 69–78.

FREUD, Sigmund. **O infamiliar [Das Unheimliche]**. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREY, Charles. The Tempest and the New World. **Shakespeare Quarterly**, v. 30, n. 1, p. 29-41, 1979. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2869659>. Acesso em: 03 de dez. de 2025.

G1. Conheça os principais episódios da crise migratória na Europa. G1, 24 de Jun. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/conheca-os-principais-episodios-da-crise-migratoria-na-europa.ghtml> Acesso em: 20 de abr. 2026

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GILLEN, Katherine; SANTOS, Adrianna M. The power of Borderlands Shakespeare: Seres Jaime Magaña's The Tragic Corrido of Romeo and Lupe. In: BOFFONE, Trevor; DELLA GATTA, Carla (org.). **Shakespeare and Latinidad**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2021. p. 57–74.

GRANADA, Daniel et al. Discutir saúde e imigração no contexto atual de intensa mobilidade humana. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. v. 21, n. 61, 2017.

KOTT, Jan. **Shakespeare nosso contemporâneo**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.

MATOS JÚNIOR, Izac Muniz ; CARVALHO, Daniel Viana de. O CORPO, O TEMPO E A COMUNIDADE: UMA PERSPECTIVA DELEUZIANA ACERCA DA COMUNIDADE DA DIFERENÇA. **Cadernos Miroslav Milovic**, v. 2, p. 81-92, 2024.

MAYER, Jean-Christophe. The rise of Shakespearean cultural capital: early configurations and appropriations of Shakespeare. *In*: PROCHÁZKA, Martin (org.). **From Shakespeare to autofiction: approaches to authorship after Barthes and Foucault**. London: UCL Press, 2024. cap. 1, p. 21–39.

MILOVIC, Miroslav. **Comunidade da diferença**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

MONTEIRO, Francisco César Manhães. Calibanaíma: Caliban, Macunaíma, Calabar. **Cadernos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 45–50, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/cn/article/view/13981>. Acesso em: 15 mar. 2026.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

PIZARRO, Ana. Introducción. *In*: PIZARRO, Ana. **La literatura latinoamericana como proceso**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985. p. 13–67.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Culturas Shakespearianas: teoria mimética e os desafios em circunstâncias não hegemônicas**. São Paulo: É Realizações, 2017.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. *In*: SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 27-46.

STAGLIANO, Déborah Cristina. **Migrante e nômade: linhas filosóficas da vida intermezzo**. 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia Contemporânea) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

SÜSSEKIND, Pedro. **Shakespeare**: o gênio original. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

TELES, Adriana da Costa. **Machado e Shakespeare**: intertextualidades. São Paulo: Perspectiva, 2017.